

POLÍTICAS DE ESTADO: A PERFORMANCE VAI ÀS RUAS CONTRA AS POLÍTICAS DE GENOCÍDIO

Bruno Alcione Novadvorski Scheeren
*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes da
Universidade Estadual do Rio de Janeiro.
bn@brunonovadvorski.com.br*

Chris, The Red
*Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES.
thered@thered.com.br*

*Simpósio Temático nº 08: COMBINARAM NOS MATAR, MAS NÓS COMBINAMOS
NÃO MORRER: TROCAS DE SABERES RESISTENTES.*

RESUMO

A bandeira é um dos símbolos do Brasil. Ela nos representa enquanto povos de um mesmo território. Neste sentido, nos cabe perguntar: como sua simbologia acompanha as políticas adotadas por diferentes governos? Dados os últimos acontecimentos após as eleições de 2018, ela ganhou ainda mais destaque no cenário brasileiro. A reboque de um discurso genocida e amparada numa rachadura do estado laico, fundamenta-se num religioso cristão de extremismos e massacres das populações "pecadoras". Este símbolo, que tem por finalidade a união, acaba sangrando ainda mais. Atualmente, esta sua característica em 'unir', se dá entre grupos religiosos, agropecuaristas e políticos oriundos da *fake news* 'família tradicional brasileira' e provocou um contra-movimento. A bandeira, ao longo das histórias das artes visuais ganhou, nacionalmente, ainda mais peso como mecanismo de enfrentamento ao estado e suas políticas genocidas. Sua utilização manifestante se deu por meios diferentes, como com manchas de tintas, na sua grande maioria de cor vermelha, representando o massacre das populações indígenas, negras, pobres e das mais de, atualmente, 600 mil vidas assassinadas pela política genocida do atual ocupante da presidência da república. Assim, em 2021, fomos às ruas de São Paulo com as performances "Estado Genocida" e "Em que Estado Estamos?". Nelas, trazemos a bandeira com escritos em vermelho "estado genocida" com 29 furos em referência ao massacre do jacarezinho e "estado genocida feminicida lgbtqiap+fóbico racista", respectivamente, como forma de protesto a atual política. Ambas, parte do projeto artístico "Políticas de Estado".

Palavras-chave: Performance, Estado genocida, Política brasileira, Artes visuais, Manifestação.

ABSTRACT

The flag is one of the symbols of Brazil. It represents us as peoples of the same territory. In this sense, it is up to us to ask: how does its symbology accompany the policies adopted by different governments? Given the latest developments after the 2018 elections, it gained even more prominence in the Brazilian scenario. In the wake of a genocidal discourse and supported by a crack in the secular state, it is based on a Christian religious of extremism and massacres of "sinful" populations. This symbol, which has the purpose of union, ends up bleeding even more. Currently, this characteristic of 'uniting', takes place between religious groups, farmers and politicians from the fake news 'traditional Brazilian family' and provoked a counter-movement. The flag, throughout the history of the visual arts, gained even more weight nationally as a mechanism for confronting the state and its genocidal policies. Its demonstrator use took place through different means, such as with paint stains, mostly red in color, representing the massacre of indigenous, black, poor and more than 600,000 lives currently murdered by the genocidal policy of the current occupant of the presidency of the republic. So, in 2021, we took to the streets of São Paulo with the performances "Estado Genocida" and "Em que Estado Somos?". On them, we bring the flag with red writing "genocidal state" with 29 holes in reference to the massacre of the little alligator and "genocidal femicide lgbtqiap+racist phobic state", respectively, as a form of protest against the current policy. Both are part of the artistic project "Politics of State".

Keywords: Performance, Genocidal State, Brazilian Politics, Visual Arts, Manifestation.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomos a reflexão sobre o projeto artístico *Políticas de Estado* (2021), criado por nós, artistas visuais e pesquisadores, Bruno Novadvorski & Chris, The Red, a partir de um elemento importante que une as performances *Estado Genocida* e *Em Que Estados Estamos?*: a Bandeira do Brasil. A utilização deste símbolo iconográfico como elemento artístico abre um campo de possibilidades reflexivas: desde questionamentos político-socioeconômicos até uma relação afetiva profunda. Afinal de contas, quem nunca se emocionou em uma Copa do Mundo vendo a bandeira do seu país?

As relações traçadas entre a bandeira brasileira e a sociedade mudaram nos últimos anos, principalmente, devido às questões políticas após 2016. Porém, apesar de estudos históricos sobre este símbolo nacional, acreditamos que uma boa parte da população brasileira desconhece sua história. Obviamente, não daremos contas de construir um rastro historiográfico, mas apontaremos alguns fatos e pontos que julgamos importantes e que culminaram na atual turbulência na relação com a nossa bandeira em uma parcela significativa da sociedade.

Basicamente, no imaginário coletivo, acredita-se que as cores da bandeira do Brasil se dão na seguinte relação: verde representando nossas florestas e toda sua diversidade; o amarelo, nosso ouro e as características tropicalistas do nosso clima e o azul simbolizando nossos rios e o oceano que banha nosso litoral. Porém, a realidade não é tão romântica assim...

A reportagem *Dia da Bandeira: como as cores do símbolo brasileiro foram reinterpretadas para apagar ligação com a monarquia* (2018) de Edison Veiga¹ aborda pesquisa de historiadores que abordam a construção da bandeira brasileira. Na matéria, Veiga cita a historiadora Mary Del Priore² que afirma: “as cores vêm da bandeira do Império” (Figura 1). Complementando com o historiador e escritor Paulo Rezzutti “O verde é uma alusão à Casa de Bragança. O amarelo remete à Casa de Habsburgo”.



Figura 1: Bandeira do Brasil na época do Império. Fonte: site BBC News

Em sua dissertação, Ricardo Seyssel faz uma excelente pesquisa referente a bandeira brasileira. Primeiramente, apresentando um histórico da formulação da bandeira no âmbito mundial, trazendo vários exemplos. Na sequência, apresenta as questões históricas que originaram a atual bandeira brasileira. Além de abordar as questões que envolvem a escolha das cores, Ricardo aponta que "a forma de losango, desde o tempo de D. João I de Portugal, estava ligada às Armas das Damas, pois este formato era utilizado como suporte dos brasões femininos" (SEYSSEL, 2006, p. 87), apontando assim pontos importantes para a construção da atual bandeira.

Seyssel aponta então a vinda do pensamento positivista para as Américas que "diferentemente da Europa, onde servia como justificção às novas atitudes burguesas fundamentadas na fé no progresso honesto da humanidade, o positivismo, nas Américas, trazia consigo um forte elemento político" (SEYSSEL, 2006, p. 91). Este fato é

importante para compreendermos a frase que compõem a atual bandeira "ordem e progresso" e altamente questionado nos dias atuais, especialmente, depois dos fatos ocorridos no Brasil desde 2016.

2014. 2016. 2018

Antes dos fatos de 2016, precisamos voltar no tempo, especificamente, no ano de 2014. Com a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014 no Brasil, a bandeira do Brasil tomou conta das ruas, dos estádios e das nossas casas. Ela estava nos carros, nas roupas, nas bebidas, nas nossas janelas, pintada nas ruas. Exibimos com orgulho nossa bandeira, torcendo pela vitória do Brasil, assim como o slogan da Copa – “Juntos num só ritmo”³ – a bandeira do Brasil nos unia enquanto Nação. Havia no ar um sentimento de brasilidade (Figura 2). A Copa do Mundo havia sido um sucesso e aguardávamos com ansiedade as Olimpíadas que aconteceriam dali a 2 anos, em 2016. Mal sabíamos naquele momento as reviravoltas pelas quais passaríamos.



Figura 2: Torcedores vibram durante partida entre Brasil e Colombia, na Copa do Mundo de 2014
Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil. Fonte: site Nova Escola Gestão⁴.

Em meio a Rio 2016, o Brasil passou por um dos momentos políticos que mudaria profundamente nossa relação não apenas com a bandeira do Brasil, mas com as cores verde e amarelo: o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). O brilho da Copa se apagou, a bandeira brasileira já não nos causava o mesmo orgulho e, assim como o muro colocado na Esplanada dos Ministérios separando os grupos pró e contra golpe, a bandeira se dividia (Figura 3).



Figura 3: Grupos pró e contra impeachment são vistos separados por cercas na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Foto: Juca Varella/Agência Brasil. Fonte: G1⁵

Chris estava lá neste dia:

me lembro nitidamente do dia 17 de abril de 2016, o dia da votação na Câmara dos Deputados. Quando cheguei à Esplanada dos Ministérios para acompanhar a votação, não carregava comigo as cores do Brasil, não carregava a bandeira do Brasil como havia feito na Copa. Ao ver aquele muro, separando a esplanada, o sentimento era de frustração, medo, ansiedade pela votação e um restinho de esperança que a votação seria a favor de Dilma. Naquele dia, estava vestido de vermelho. O Brasil se preparava para receber as Olimpíadas que aconteceriam em agosto seguinte, mas não havia mais no ar o orgulho. Voltei pra casa naquele dia, triste, chorando com o resultado da votação, por 367 votos, o impeachment tinha sido aceito. Cheguei em casa, tirei a bandeira da varanda do meu apartamento e guardei. Não tinha orgulho de ser brasileiro. Mal sabia eu que aquele símbolo tão nosso, seria roubado de nós. Na realidade, não sei ao certo se foi roubado ou se a deixamos ser roubada. O fato é que em 2016, tudo mudou. A bandeira do Brasil não mais era o símbolo que nos unia, mas estava do lado da história que compactuou com o golpe e com o que há de mais conservador, retrógrado e violento no Brasil. Em 31 de agosto, já finalizada as Olimpíadas que não vi e não celebrei, Dilma perdia seu cargo como presidenta do Brasil e minha bandeira não voltou pra varanda. Nas eleições de 2018, ela ganharia as ruas de novo.

Mas não contávamos no meio do caminho com a ascensão do bolsonarismo e o que parecia uma grande piada de mau gosto, tornou-se real. Em 2018, eleições presidenciais no Brasil e ano de Copa do Mundo na Rússia, o mundo era outro. A copa não tinha o mesmo brilho e, no Brasil, um embate diário para que Haddad ganhasse as eleições e o gado em peso nas ruas fazendo arminha, dancinha, vestidos de verde, amarelo e a bandeira do Brasil (Figura 4). Os símbolos brasileiros sendo utilizados como sinônimos do que pior pode existir no ser humano, a bandeira brasileira do lado fascista da história e a bipolaridade de 2016 aumentada vertiginosamente. Vitória de Bolsonaro.

O Brasil entrava no que é considerado um dos piores momentos da nossa história recente. De 2018 para cá, anos de conquistas foram destruídos. Inflação nas alturas, economia quebrada, desemprego, fome, miséria, violência, muita violência e no meio de tudo isto: uma pandemia.



Figura 4: Milhares de manifestantes foram às urnas neste fim de semana. Nas fotos, os protestos em Brasília. Sérgio Lima/Poder360 - 29 e 30.set.2018. Fonte: Poder 360⁶

2020

O mundo é surpreendido por um vírus, o coronavírus, que nos fez ficar em casa, usar máscara, álcool gel 70%, quarentena era a ordem. E o Brasil que já estava ruim ficou pior. Enquanto outros países, criavam mecanismos para impedir o avanço do vírus, fazendo *lockdowns*, investindo na pesquisa e estudos da vacina, ajudando a população que não podia trabalhar, fornecendo ajuda financeira, o governo brasileiro caminhava no sentido contrário, esbravejando o discurso negacionista. Número de casos aumentando, número de mortos por COVID crescendo na mesma proporção e o Governo Federal criando todos os mecanismos possíveis para ajudar o vírus a se propagar com a ajuda dos seus fiéis defensores, o gado, que iam às ruas em atos a favor do governo, e em meio a estas manifestações, muito deles sem máscaras, lá estava ela, sendo hasteada como símbolo maior do governo e de suas políticas genocidas: a nossa bandeira. Nunca foi tão triste ser brasileiro. Nunca nos causou tanta angústia.

2021

Atraso na vacinação, escândalos estourando na imprensa sobre compras da vacina e o número de casos e mortos aumentando, mesmo já tendo vacina. Preços aumentando descontroladamente, perda do poder de compra, dólar nas alturas e no dia 06 de maio,

acordamos com a notícia do massacre no Jacarezinho, no Rio de Janeiro⁷ (Figura 5). Em uma operação policial – que aconteceu mesmo com a resolução do STF que suspendia qualquer operação durante a pandemia, 28 pessoas são assassinadas, tornando-se a segunda maior chacina da história do Rio⁸. Manifestações foram convocadas em várias cidades brasileiras. Mesmo estando ainda em uma pandemia, não dava mais para ficar em casa e assim, nós, Bruno e Chris, decidimos ir à manifestação que aconteceria dia 08 de maio, na Avenida Paulista dando surgimento a performance *Estado Genocida* (2021).



Figura 5: Buracos de bala em uma parede da favela. Foto: Leonardo Carrato

PERFORMANCE: A POLÍTICA NAS ARTES VISUAIS

A performance, enquanto linguagem artística, já é reconhecida pela importante presença do corpo e, conseqüentemente, se conecta à relação arte e vida. Jorge Glusberg aponta em seu livro *A arte da performance* (2009): “os artistas mostram seu corpo numa atitude de reencontro consigo mesmo” (GLUSBERG, p. 51). Pensando nessa afirmação, apresentar uma performance em uma manifestação política, poderia ser entendida como uma ampliação do entendimento de Glusberg? As manifestações político-sociais seriam uma performance coletiva da sociedade?

Para além de responder esta pergunta, ou melhor, provocar esta pergunta, a afirmação de Glusberg nos faz refletir que as manifestações não deixam de ser um reencontro coletivo com o senso de coletividade, afinal de contas as pessoas ali presentes encontram pontos em comum, elaboram cartazes, faixas, gritos de ordem etc. Independentemente da posição política, essa é uma característica de qualquer manifestação social. Desta forma, quando nos propomos a participar de uma manifestação e nela apresentar uma performance artística, estamos inevitavelmente transitando entre a

compreensão já estabelecida de performance com esta reflexão das manifestações como uma grande performance social.

No caso do projeto artístico *Política de Estado*,⁹ realizamos as performances *Estado Genocida* (2021) e *Em que Estado estamos?* (2021), ambas realizadas em manifestações na Avenida Paulista, em São Paulo (SP), realizadas nos dias 08 e 29 de maio de 2021, respectivamente.



Figura 6: Estado Genocida. DUOCU. São Paulo/SP. 2021. Foto: Amanda Perobelli (Reuters).
Fonte: El País.

A performance *Estado Genocida* (Figura 6) foi idealizada a partir do massacre do Jacarezinho, no Rio de Janeiro. Os 29 furos feitos na bandeira referem-se às 29 vidas ceifadas pelas armas do Estado no Rio de Janeiro. São as balas noticiadas como "perdidas", mas que atingem corporalidades dissidentes de gênero e racializadas por nossa branquitude. Nosso artigo, aqui intitulado *Políticas de Estado: A performance vai às ruas contra as políticas de genocídio*, é, principalmente, de combate às políticas do atual ocupante da cadeira da Presidência da República, uma vez que as práticas governamentais continuam extinguindo políticas sociais e econômicas que vinham contribuindo para o crescimento da população. A pobreza voltou e o Estado, através de seus agentes, principalmente, as corporações policiais, continuam protagonizando massacres por todo o país. Em reportagem de Cíntia Acayaba e Thiago Reis, para o G1 (2021), o número de mortos pela polícia em 2020 bateu recorde: “Houve, no país, 6.416

mortos pelas polícias Civil e Militar, por agentes de folga ou em serviço. Um ligeiro aumento de 1% na comparação com 2019”¹⁰.

Além dos 29 furos na bandeira brasileira, as palavras “Estado” e “Genocida” foram escritas à mão livre na cor vermelha. Pesquisando sobre a palavra 'brasil' no dicionário encontramos sua ligação com a árvore pau-brasil¹¹, primeira atividade de saqueamento das terras colonizadas pelos portugueses, Ricardo Seyssel aponta que o substantivo brasil 'comum pau-brasil, também conhecido na época como 'pau-de-tinta' significa madeira vermelha ou como chamavam os nativos de Ibirapitanga". (SEYSSEL, 2006, p. 147). Ou seja, por qual motivo se dá a ausência da cor vermelha na nossa bandeira?

Seyssel, em seus estudos, aponta como a cor vermelha se tornou algo rejeitado desde o tempo de “Dom Pedro I, quando foi concebida a bandeira imperial”. Primeiramente, ela foi “preterida por ser relacionada à simbologia de Portugal”. Posteriormente, ao “movimento da Internacional Comunista e, hoje, por ser a cor-símbolo de um partido popular, o PT, partido com alto índice de rejeição nas classes média, média alta e alta da população” (2006, p. 15). Este ponto em relação ao Partido dos Trabalhadores, em suas entrelinhas, interliga-se ao tópico anterior, quando abordamos o golpe da Presidenta Dilma Rousseff e ao discurso ignorante de que este partido seja 'comunista/bicho-papão', o mal encarnado. Tal ignorância sustenta a disputa das cores: verde/amarelo X vermelho.



Figura 7: Em Que Estado Estamos? DUOCU. São Paulo/SP. 2021. Foto: Sidney Frederick

Na segunda performance do projeto, *Em Que Estado Estamos?* (2021) (Figura 7), trazemos duas bandeiras brasileiras costuradas e, ao invés dos furos, escrevemos a ordem "ESTADO GENOCIDA FEMINICIDA LGBTQIAP+FÓBICO RACISTA", numa referência direta às políticas atuais de apagamento e silenciamento do ser que ocupa atualmente a Presidência da República, pois seus discursos de ódio se propagam diariamente e diretamente a essas pessoas contribuindo para o aumento da violência no Brasil. Em uma pesquisa rápida no Google, estes fatos podem ser comprovados. Por exemplo, fizemos uma pesquisa com os termos "Violência", "Mulher", "Brasil" e "2021" e as notícias saltam aos olhos¹².

E diante destes fatos, nós, enquanto artistas não poderíamos continuar em casa sem fazer nada e trazer a bandeira para este projeto artístico foi essencial. Pensando na historiografia da arte como a conhecemos, observamos algumas obras em que aparece a iconografia da bandeira como por exemplo: a pintura *La Liberté guidant le peuple* (1830) obra de Eugène Delacroix (Figura 8); as obras *Fête du 30 juin de 1878 – Rue Saint-Denis à Paris 1878* (1878)¹³ e *Fête du 30 juin de 1878 – Rue Montorgueil à Paris* (1878)¹⁴ de Claudet Monet e Jasper Johns com *White Flags* (1955-58) (Figura 9) e *Three Flags* (1958)¹⁵.



Figuras 8 e 9: *La Liberté guidant le peuple*. Eugène Delacroix. Século XIX (1830) (à esquerda). Fonte: Louvre. *Bandeira branca*. Jasper Johns. 1955 (à direita). Fonte: MetMuseum

Nacionalmente, a bandeira aparece nas artes visuais: a gravura *Composição, Bandeira do Brasil* (1968) do artista Alfredo Volpi¹⁶; a pintura *Boa Vizinhança* (1968) Antonio Henrique Amaral¹⁷; a pintura *Okê Oxóssi* (1970) do artista Abdias Nascimento (Figura 10); o bordado *Bandeira de farrapos* (1993) de Martha Niklaus¹⁸; a escultura *Obra embargada* (2020)¹⁹ e o objeto *Cobertor* (2020)²⁰ de Jefferson Medeiros; o objeto *Bandeira Nacional* (2021) de Desali (Figura 11); o objeto *Bandeira* (2020) da série: "Cenas para uma vida melhor" da artista Marta Neves (Figura 12); a performance o *O*

Samba do crioulo doido (2010) de Luiz de Abreu²¹. Este último exemplo, nos chama a atenção justamente por ser um trabalho artístico que além de utilizar a bandeira brasileira, o faz utilizando a performance como linguagem artística.



Figura 10: Okê Oxóssi. Abdias Nascimento. 1970. Fonte: MASP



Figura 11: Bandeira Nacional. Desali. 2021. Fonte: Nonada



Figura 12: Bandeira. Da série: “Cenas para uma vida melhor”. Marta Neves. 2020. Fonte: Instagram

“ESPERANÇAMOS”

Estamos em novembro de 2021, o Brasil encontra-se num grande caos em todos os campos, seja social, cultural, econômico, político, acadêmico. Estamos tentando sobreviver às Políticas de Genocídio do Governo Bolsonaro, tentando não morrer pela fome, pela miséria, pela violência, pela estafa, pelo estresse. O Brasil já chegou a mais de 22 milhões de casos e mais de 612 mil mortes por COVID-19²². Pela primeira vez, desde o início da pandemia, algumas cidades alcançaram o período de 24 horas sem mortes por COVID. Continuamos ainda em um processo de vacinação lento, até o dia 21 de novembro de 2021, 60,52% da população brasileira recebeu a imunização completa e 74,02% receberam somente a primeira dose²³. Sem falar que precisamos lutar contra os anti-vacinas que imitam o bobo da corte presidencial que espalha aos quatro ventos que não se vacinou e o faz com orgulho. Estamos nos aproximando de 2022, ano eleitoral, onde a nação brasileira escolherá a próxima pessoa a presidir o país. Chegaremos em 2022 exaustos, esgotados, cansados e com muito receio do ano que está por vir. E não deixamos de imaginar como estaríamos se 2016 tivesse sido diferente: sem golpe, sem bolsonarismo, sem moro, sem Lula preso? Não deixamos de pensar como estaríamos hoje em relação ao COVID-19? Com o nosso SUS funcionando a pleno vapor não apenas para vacinar, mas para produzir vacinas brasileiras e quem sabe exportando tecnologia para outros países que precisassem? Com tantas pessoas que estariam vivas, inclusive, talvez, o pai do Chris, um dos autores deste artigo? Não faltaria oxigênio? Não perderíamos tempo com tratamentos ineficazes cientificamente comprovados? Ainda teríamos o Bolsa Família? Quem sabe, hoje, o único motivo de chorar agarrado a bandeira seria ao final de um jogo na Copa do Mundo com um placar de 7 x 1? Infelizmente, tudo isso fica só no mundo da imaginação, do desejo. A realidade nua e crua é que o Brasil perdeu muito: a cultura perdeu, estamos perdendo nossas florestas com o desmatamento incontrolável, nossos povos originários estão sendo dizimados, órgãos importantes foram/estão sendo destruídos como Ministério da Cultura, Secretárias de Igualdade, Fundação Palmares, Cinemateca, Programas de Saúde Pública como o HIV/AIDS, direitos trabalhistas. Sem falar das universidades brasileiras. Tudo isto são danos irreparáveis que não sabemos quando, e se, conseguiremos solucionar. Neste momento, nós, artistas que lutamos pela vida, pela igualdade, por uma sociedade mais justa, precisamos ir às ruas, mesmo que seja durante uma pandemia como a que estamos vivendo, sim, ela ainda não acabou. A arte já provou o seu papel essencial e vital. Foi a arte que nos salvou durante o período que

tivemos que ficar em casa, foram filmes, músicas, peças de teatro online, livros, fotografia para não desistirmos. E quando não era mais possível ficarmos em casa acompanhando todos os absurdos do pior governo que o Brasil já teve desde o retomar da "democracia", precisamos ir às ruas e nós saímos levando com a gente a bandeira do Brasil, mas não com o orgulho da Copa de 2014, não com o orgulho quando o Brasil foi retirado do mapa da fome, nem com o orgulho quando estudantes universitárias, filhas da empregada doméstica e do pedreiro desciam as escadas de formatura com a bandeira do Brasil nas mãos. Fomos às ruas com um dos símbolos da nossa nação sangrando. Políticas de Estado (2021) leva a bandeira às ruas para mostrar a decepção que estamos da nossa nação. O Brasil que temos hoje é o que você sonhou? Ficam inúmeras dúvidas: como será 2022? Algum dia, conseguiremos reparar todo este mal? Conseguiremos superar o bolsonarismo e eliminar este vírus do Brasil? Conseguiremos não mais chorar pelas mais de 600 mil mortes causadas não apenas pelo coronavírus, mas pelas políticas genocidas de Bolsonaro? Algum dia, voltaremos a ter orgulho de ser brasileiros e hastear a nossa bandeira como símbolo de justiça, paz, igualdade, diversidade? E como conseguiremos reverter tudo isso? Que atitudes, ações serão necessárias para que a bandeira do Brasil não seja mais sinônimo de políticas retrógradas e de violências, mas do que nos une a todos, todas e todos como nação. Será que algum dia, como bem disse Lula ao final de 2016, depois do golpe, ainda vamos voltar a sentir orgulho de ser brasileiro?²⁴ "Esperançamos" que sim e que neste momento, a bandeira volte às varandas de nossas casas representando toda uma nação orgulhosa de ser brasileira.

CITAÇÕES E REFERÊNCIAS

GLUSBERG, Jorge. **A arte da performance**. Tradução de Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2013. ISBN: 978-85-273-0675-1

SEYSSSEL, Ricardo. **Um estudo histórico perceptual: a bandeira brasileira sem o Brasil**. 2006. 186 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99855>>. Acesso em: 09 dezembro 2021.

¹ VEIGA, Edison. Dia da Bandeira: como as cores do símbolo brasileiro foram reinterpretadas para apagar ligação com a monarquia. BBC, 2021. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46255976?utm_campaign=later-linkinbio-bbcbrasil&utm_content=later-22423458&utm_medium=social&utm_source=linkin.bio. Acesso em 19 novembro 2021

² Autora, entre outros livros, da tetralogia Histórias da Gente Brasileira, em que aborda o país desde a colônia até os tempos atuais

- ³ Disponível em <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/29/com-ajuda-da-globo-fifa-confirma-slogan-da-copa-de-2014-juntos-num-so-ritmo.htm>. Acesso em 19 novembro 2021
- ⁴ Disponível em <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1976/como-organizar-sua-escola-para-a-copa-do-mundo>. Acesso em 19 novembro 2021
- ⁵ Disponível em <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/04/grupos-pro-e-contra-impeachment-ocupam-esplanada-dos-ministerios.html>. Acesso em 19 novembro 2021
- ⁶ Disponível em <https://www.poder360.com.br/eleicoes/ultimo-fim-de-semana-antes-da-eleicao-e-marcado-por-atos-pro-e-contra-bolsonaro/>. Acesso em 19 novembro 2021
- ⁷ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-13/nao-vai-embora-vao-me-matar-a-radiografia-da-operacao-que-terminou-em-chacina-no-jacarezinho.html>. Acesso em 19 novembro 2021
- ⁸ Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-06/operacao-policia-mata-25-pessoas-no-jacarezinho-em-segunda-maior-chacina-da-historia-do-rio.html>. Acesso em 19 novembro 2021
- ⁹ Ver: <http://duocu.art.br/index.php/performances/9-portfolio/48-politicas-de-estado>.
- ¹⁰ Disponível em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/15/no-de-mortos-pela-policia-em-2020-no-brasil-bate-recorde-50-cidades-concentram-mais-da-metade-dos-obitos-revela-anuario.ghtml>. Acesso em 10 dezembro 2021.
- ¹¹ Ver: <https://www.dicio.com.br/pau-brasil/>.
- ¹² Disponível em https://www.google.com/search?q=violencia+brasil+mulher+2021&sxsrf=AOaemvKdEux9e9VVtmbeJ1nmix27bfPn7Q%3A1639108540431&ei=vM-yYZOmGd_V1sOPy8yi6Aw&ved=0ahUKewiT9LKSq9j0AhXfqpUCHUumCM0Q4dUDCA4&uact=5&oq=violencia+brasil+mulher+2021&gs_lcp=Cgdn3Mtd2l6EAM6BwgAEEcQsANKBAhBGABKBAhGGABQkwNYgxZg9hhoAXACeACAAC8CiAH6FZIBBzAuOC40LjKYAQCgAQHIAQjAAQE&scient=gws-wiz. Acesso em 10 dezembro 2021.
- ¹³ Ver: <https://mbarouen.fr/fr/oeuvres/rue-saint-denis-fete-du-30-juin-1878>
- ¹⁴ Ver: <https://www.musee-orsay.fr/fr/oeuvres/la-rue-montorgueil-paris-fete-du-30-juin-1878-10896>
- ¹⁵ Ver: <https://whitney.org/collection/works/1060>
- ¹⁶ Ver: https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/Imagens/museu/galeria/persistencia/livreto_modulo_1.pdf
- ¹⁷ Ver: <https://www.casatriangulo.com/pt/artists/72-antonio-henrique-amaral/works/9905-antonio-henrique-amaral-boa-vizinhanca-1968/>
- ¹⁸ Ver: <https://www.marthaniklaus.com/foto-bandeira-de-farrapos>
- ¹⁹ Ver: <https://www.sp-arte.com/obras/4072/>
- ²⁰ Ver: <https://www.sp-arte.com/obras/4071/>
- ²¹ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=6wZWOZASfF4>
- ²² Ver: <https://covid.saude.gov.br/>
- ²³ Ver: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>
- ²⁴ Ver: <https://institutolula.org/lula-esse-povo-ainda-vai-voltar-a-sentir-orgulho-de-ser-brasileiro>